

futuro, pois estão fincadas na base, no meio do povo das periferias urbanas, onde o que conta é a luta pela vida.

É preciso ter um olhar de globalidade para além do nosso quintal. Pensar a cidade e perceber onde é que o Espírito está falando. Além disso, é preciso ter maturidade. Saber enfrentar e trabalhar os conflitos que sempre existiram, existem e vão existir no interior da Igreja e da sociedade.

### Conclusão

A "Igreja dos pobres" é certamente uma Igreja inculturada e historicamente situada. Não quer ser a única ou definitiva forma da Igreja ser. Esta forma, ainda adolescente, certamente levará muito

tempo para chegar à sua maturidade. É ingenuidade sociológica pensar que uma Igreja fundada na comunhão e participação possa coexistir com um mundo dominado pelo totalitarismo do mercado e pela opressão que cria desigualdades entre os povos. Provavelmente, só num mundo realmente democrático, participativo e igualitário, poderemos ver realizado o sonho de uma Igreja católica fundada sobre a comunidade, a partilha, e, portanto, a comunhão de irmãos e irmãs.

Pe. Mauro Velozo Rodrigues é Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção  
Endereço: Caixa Postal 1027  
84001-970 - Ponta Grossa, PR.

## BLOCO III

HISTÓRIA DA IGREJA

### CRIANÇAS E JESUÍTAS NOS PRIMEIROS ANOS DA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL\*

*Fernando Torres Londoño*

Entre as muitas atividades dos missionários jesuítas no século XVI, destaca-se a importância que lhe foi conferida à presença da criança. As escolas e colégios jesuítas e as atividades de missionários como o Padre José de Anchieta são os aspectos mais conhecidos. Neste século, o Padre Serafim Leite nos seus muitos e eruditos trabalhos encarregou-se de reconstituir as ações educativas e catequéticas destes primeiros missionários<sup>1</sup>. Utilizou para esse objetivo a vasta correspondência jesuítica que ele mesmo se encarregou de recolher por diversos arquivos e editou em

várias coleções<sup>2</sup>. Assim, nas Cartas dos primeiros anos é notória a menção das crianças como alvo da catequese e, ao mesmo tempo, como agentes da própria evangelização.

A importância que atualmente concedemos à criança e a preocupação que a Igreja tem em discutir o passado e o presente da evangelização, permitem-nos voltar a considerar o sentido missionário destes dois aspectos. Recorremos para isto as Cartas publicadas pelo Padre Leite.

Concebidos pelo seu fundador para atuar na dispersão da missão, que em pouco tempo os espalhou

\*As origens destas páginas remetem a uma apresentação no simpósio da CEHILA-Brasil junto com a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em 1989, sobre os 500 anos da evangelização. Posteriormente voltou-se à documentação jesuítica e atualmente o autor desenvolve pesquisa sobre a catequese missionária nos séculos XVI e XVII. O presente texto e um resumo de um trabalho mais extenso ainda inédito.

1. LEITE, S., História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa, Portugal, 1943.  
2. LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, São Paulo, comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956.

pelos cinco continentes, os jesuítas tiveram na correspondência um de seus principais instrumentos de união e de consolidação da instituição<sup>3</sup>. Assim além de informar e consultar a respeito de problemas, as Cartas eram escritas também para provocar a edificação e o apoio espiritual, físico e material dos destinatários. Este teor está muito claro nas Cartas dos primeiros anos e especialmente nas que tratam das crianças. Assim, exige-se do historiador um particular cuidado na sua análise.

No que se refere às crianças, as Cartas revelam-nos um quadro em que a participação delas na evangelização é apresentada como fundamental para o sucesso missionário nos primeiros anos da colonização. A narrativa jesuítica de sua chegada ao Brasil fala de crianças órfãs, vindas de Lisboa, que acompanhavam os padres nas peregrinações pelos sertões brasileiros. No que se refere aos meninos indígenas as Cartas mencionam frequentemente o estabelecimento de casas e escolas para onde estes eram levados e doutrinados. Os autores das Cartas, referem-se ainda à possibilidade que havia de meninos mais aplicados converterem-se em missionários e entrarem na Com-

panhia de Jesus. Estas cartas, mesmo levando-se em conta seu caráter edificante, permitem, portanto, afirmar que os jesuítas priorizaram o trabalho com as crianças, que desenvolveram em função delas uma série de atividades educativas e que acreditavam-nas fundamentais à viabilização da evangelização em terras brasileiras.

A visão que temos, hoje, do mundo infantil dificulta-nos compreender a ação de garotos de nove a onze anos que, atravessando o Atlântico, esperavam converter, com procissões e cânticos, tribos guerreiras, que não tinham sido vencidas por soldados. Surpreende-nos também que religiosos experientes e doutos confiassem na capacidade persuasiva de crianças indígenas que mal repetiam umas poucas verdades teológicas num português rudimentar e que eram enviadas a pregar o evangelho aos seus. Nas Cartas dos três primeiros anos, a presença dos órfãos aparece como algo natural, digno de ser louvado e a conversão dos meninos indígenas em pequenos missionários, como manifestação do poder de Deus, que fala pelos mais pequenos. O padre Serafim Leite, por sua parte chegou a ver nessa participação das crianças um

3. Para um funcionamento da correspondência jesuítica ver FERRO, J. P., "A epistolografia no cotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII", in Lusitânia Sacra, 2 ( série, tomo V 1993, p. 137.

elemento civilizador, amostra do trabalho dos jesuítas entre os índios, que "de criança a criança" terminaria por trazer-los ao cristianismo<sup>4</sup>. Não é esta a opinião dos trabalhos atuais que desde a psicanálise, a antropologia e a história das mentalidades lançam um olhar crítico sobre a catequese jesuítica<sup>5</sup>.

Da minha parte acredito que a importância dada às crianças pelos jesuítas era componente de estratégia decorrente do propósito evangelizador e colonizador. Realizar a vontade de Deus nas terras do Brasil significava buscar por todos os meios a conversão dos "gentios". Aperfeiçoar a evangelização e conseguir submissão dos índios, pressupunha ainda, quebrar a resistência que eles apresentavam à colonização portuguesa. É nessa procura de meios eficazes à evangelização e nesse esforço por alcançar os índios que se inscreve, na minha opinião, a presença das crianças nas ações jesuíticas.

## A CRUZADA DOS ÓRFÃOS

A chegada dos primeiros missionários jesuítas em 1549 acompanhando o governador Tomé de Souza, inscreveu-se no propósito da Coroa de Portugal de ordenar e tornar eficiente e duradoura a ocupação lusitana do território Brasileiro, num momento onde a presença francesa e as guerras com os índios evidenciava a fragilidade da colonização portuguesa. Visava-se ordenar a inserção nas tribos através da ação catequética que facilitaria a incorporação do índio ao mundo colonial<sup>6</sup>. Esta tinha-se visto impedida, entre outras coisas, pela negativa dos índios de se estabelecer e deixar de migrar e pela pouca aceitação à evangelização, que fez com que se mantivessem nas suas crenças e formas de vida, tornando impossível, de fato, sua redução<sup>7</sup>. Assim, o regimento de Tomé de Souza de 1548, bem como as medidas para

4. LEITE, S., *Hist. da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Portugalia, 1938, p. 36.

5. Ao respeito ver CHABOULEYRON, R., *Os lavradores de almas*, Dissertação de mestrado, Departamento de História, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994., GAMBINI, R., *O espelho do índio*, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988; BAETA NEVES, L. F., *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978; PRIORE, M.; *História da criança no Brasil*, São Paulo, Contexto, 1991.

6. FERNANDES, F.; "Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis", In BÚARQUE DE HOLANDA SE., (org.). *História da Civilização Brasileira*, Tomo I, A época Colonial, Vol. I, São paulo, DIFEL, 1985, p. 83-84.

7. RÜBERT, A., *A igreja no Brasil*. Tomo I Origem e Desenvolvimento, Santa Maria, livraria Editora Pullate, 1981, p. 135 e seguintes.

propiciar o aldeamento dos índios, dispunham que a catequese fosse feita a partir das crianças, mais suscetíveis pela sua idade, a serem ensinadas na fé que os adultos<sup>8</sup>. Para garantir a evangelização, as crianças deveriam ser separadas do "gentio" e concentradas em casas estabelecidas para tal fim, onde seriam doutrinadas pelos missionários.

A necessidade de garantir a ocupação territorial pode ter feito com que os interesses se voltassem para a catequese das crianças. Por outro lado, por trás de uma das formas adotadas para a catequese - as casas de meninos - pode estar o exemplo das escolas, dos colégios ou mesmo dos orfanatos, submetidas a uma mesma disciplina e ensinadas em comum. A preocupação pelo ensino da criança não estava desvinculada da revalorização, que já no século XV,

processava-se na Europa com respeito à criança, aos deveres religiosos para ela, o batismo, por exemplo e à sua educação<sup>9</sup>. Na Europa, os colégios e escolas regidos pelos jesuítas tinham conseguido em pouco tempo notoriedade que os tornara em modelos de ensino. De sua parte, os jesuítas ao chegarem ao Brasil, segundo o padre Nóbrega, ao visitarem as aldeias dirigiam-se desde o início às crianças<sup>10</sup>. As crianças vão aparecendo, pois, nas cartas como os primeiros destinatários do evangelho, dada sua docilidade e sua receptividade à pregação dos padres.

Para auxiliar aos primeiros jesuítas, vieram em 1550 mais quatro religiosos e sete órfãos, do Colégio de Jesus dos Meninos órfãos de Lisboa<sup>11</sup>. Temos destas crianças duas imagens, dependendo das Cartas que se consultem. Na primeira, surgida de Cartas de

1550 e 1551, elas foram fundamentais para o início da catequese. Na segunda construída a partir de Cartas de 1552 a 1555, rapidamente os órfãos portugueses viraram um estorvo e um peso para os missionários.

Na primeira imagem os órfãos teriam vindo por sua própria vontade, dando desde sua partida sinais de santidade. No relato do reitor do colégio de Lisboa, P. Domenech, é evidente um clima de "cruzada de crianças", quando se descreve os meninos saindo em procissão até o porto, com muita devoção e acompanhados pelas demais crianças do orfanato. Sobre um deles o padre escreve que "andava tão fervente que parecia de aqueles que vão a receber o martírio"<sup>12</sup>. Na narrativa das Cartas o sucesso das crianças ao chegarem ao Brasil, foi grande. Elas atraíam os meninos indígenas que eram ensinados na doutrina e ao mesmo tempo aprendiam com grande facilidade a língua dos naturais<sup>13</sup>. Num suposta Carta dos órfãos (na verdade escrita pelo seu mestre o padre Francisco Pires) em

1552, temos um relato da participação dessas crianças portuguesas na evangelização. Elas auxiliavam eficientemente aos missionários nos primeiros anos; acompanhavam-nos nas visitas às aldeias pregando na língua dos índios sermões já preparados, encabeçavam as procissões cantando e tocando nas aldeias e atraíam através das crianças aos adultos, mesmo os mais desconfiados, que terminavam participando<sup>14</sup>.

Todo um clima de propaganda infantil permeia a narração da ação missionária: as cantigas das crianças, os sons dos sinos e das taquaras que atraem outras crianças, a cruz carregada por um menino "con el nino Jesus en lo alto de la Cruz en traje angélico con una espada pequena en la mano", as brincadeiras feitas por meio de intérpretes. As crianças são, pois, as protagonistas do relato, os agentes da evangelização, os signos da nova religião, o alvo da missão, os verdadeiros destinatários da Carta. A missão toda impregna-se da presença infantil que faz possível a conversão do gentio.

8. LEITE S., Cartas aos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. I, p. 5-6.

9. Ver por exemplo Ph. Aries, História social da criança e da família, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 18-19. A implantação da instrução religiosa às crianças foi uma das respostas que a Contra-Reforma deu à difusão do pequeno catecismo de Lutero (1529), esperando barrar o avanço do protestantismo na Europa. Santo Ignácio que fundou a Companhia para defender e dilatar a fé num momento de crise, conferiu grande importância à instrução dos meninos e dos rudes. Consagrando-a na fórmula do Instituto entre as atividades a serem desenvolvidos para a propagação da fé católica, ver a respeito "Constituições" in: Obras Completas de San Ignácio de Loyola, B. A. C., 1963, p. 410. Além disto na fórmula dos votos, depois de prometer pobreza, castidade e obediência, o novo jesuíta obriga-se a uma especial dedicação à instrução das crianças.

10. NÓBREGA, M., Carta ao Dr. Azpilcueta Navarro, Salvador, 10/08/1549, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. I, p. 139.

11. NÓBREGA, M., Carta ao padre Francisco Jaynes, São Vicente, 12/10/1561, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol III, p. 356.

12. DOMENECH, P., Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Lisboa 27/01/1550, in LEITE S., Cartas aos jesuítas do Brasil, op. cit., vol I, p. 175.

13. DOMENECH, P., Carta ao padre Inácio de Loyola, Almerin, 27/01/1550, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol I, p. 214. Também, CORRÊA, P., Carta ao padre Brás Lourenço, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 67.

14. Carta dos meninos órfãos ao Padre Domenech, Bahia, 05/08/1552, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. I, p. 382.

O Senhor fala, pois, pela voz da criança e as rudes gentes do Brasil comovem-se, convertem-se e entregam-se à salvação. A pregação da criança é escolhida pelo narrador como metáfora da ação de Deus nas terras distantes, os órfãos missionários eram pois os signos da verdadeira religião.

Os órfãos conseguiam romper as barreiras que a desconfiança, a indiferença dos índios e a língua impunham aos propósitos doutrinários dos jesuítas. A condição da criança fazia com que fossem aceitos sem resistência e conseguissem comunicar-se além da língua, permitindo também a apropriação e aprendizagem das línguas indígenas. Isto fez com que os jesuítas empregassem os órfãos para atrair as crianças indígenas para perto dos religiosos, cumprindo-se o determinado no regulamento de Tomé de Souza. Certamente tal imagem influenciou para que em 1551 viessem mais órfãos e que ainda em 1555 chegassem os últimos portugueses.

A segunda imagem começou a ser construída em 1552, quando o padre Nóbrega em Carta ao padre Simão Rodrigues, apontava as

“dificuldades de manter os meninos que della vierão” por falta de mantimentos, ao mesmo tempo dizia que: “pretendíamos criar meninos do gentio por ser elle muito e nos poucos e saber-mo-lhe mal falar em sua língua”<sup>15</sup>, as mesmas questões foram informadas a Santo Inácio pelo irmão Anchieta dois anos mais tarde em Piratininga:

“Todo este tempo que avemos estado nos am mandado de Portugal alunos de lo ninos huerfanos, los quales avemos tenido y tenemos com nosotros sustentandoles com mucho trabajo y dificultad, lo qual también nos movio que aca recogeremos algunos huerfanos”<sup>16</sup>.

Um ano depois de Anchieta, em 1555, o padre Ambrósio Pires escrevia da Bahia que os órfãos: “nos dirão alguma perturbação pelo pouco agasalho e maneira com que os mantém nesta terra”, além do que “estes meninos são nesta terra perdidos, ainda nas coisas espirituais, pela grande soltura da gente della, porque as mulheres andam trás estes moços para pecarem com elles e enganam-nos e elles que facillmente se dão enganar”<sup>17</sup>.

À vista dos fatos o provincial de Portugal comunicou a Nóbrega que não viriam mais órfãos de Portugal. Para o superior do Brasil tudo o que até então se havia construído em função dos órfãos seria “quanto fosse necessário para com eles ganhar os da terra, e os ensinar e doutrinar, e esses avião de ser somente os que para este effeito fossem mais necessários e do que se pidiessem”<sup>18</sup>.

Os órfãos serviam pois como ponto de partida para atrair, recolher e concentrar meninos da terra, o que Nóbrega reafirmava em 1561 e que era seu pensamento desde o começo: “y aquelles que veniam para dar principio a otros muchos de aca de la tierra que se recogerian co ellos”<sup>19</sup>.

Em seis anos definiu-se o projeto missionário. Ao deparar-se com as dificuldades de comunicação, a resistência dos índios e a falta de missionários, os padres recorreram aos órfãos. Estes conseguiram romper o bloqueio com os índios, aprenderam a língua indígena fizeram-se entender, divertindo ou atraindo os indígenas com seus cânticos, músicas e procissões. Conquistaram a amizade das crianças que levavam para perto dos

jesuítas para que estes as doutrinassem. Nesse primeiro momento o propósito missionário priorizou a procura de meios que garantissem a comunicação e o contato com os “naturais”. A atuação dos órfãos adequava-se às necessidades do momento. Mas o objetivo dos jesuítas, como ressaltava Nóbrega, era conseguir penetrar no universo indígena, o que para a Coroa e os missionários seria conseguido através da doutrinação das crianças indígenas.

Passado algum tempo, e após a conversão efetiva de algumas crianças indígenas, as Cartas passam a apresentar os órfãos de Lisboa como uma carga, alterando o quadro que tanto entusiasmara o padre Domenec. A prioridade passou a ser pois o trabalho com as “crianças da terra”.

#### ENQUANTO O MUNDO DURAR

Ainda que a determinação do estabelecimento das casas de meninos fosse algo ligado diretamente à vinda dos jesuítas, não foi fácil chegar à unanimidade por parte dos missionários. A possibilidade de dispor de rendas e recursos para sustentar as casas de meninos sem

15. NÓBREGA, M., Carta ao padre Simão Rodrigues, Bahia, 15/08/1552, in LEITE S., Cartas dos Jesuítas do Brasil, op. cit., vol. I, p. 402.

16. ANCHIETA, J., Carta ao padre Inácio de Loyola, Piratininga, 07/1554, in LEITE S., Cartas dos Jesuítas do Brasil, op. cit., vol II, p. 76.

17. PIRES, F., Carta ao padre Moron, Bahia, 06/06/1555, in LEITE S., Cartas dos Jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 232.

18. NÓBREGA, M., Carta ao padre Miguel de Torres, Bahia, 02/09/1557, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 410.

19. NÓBREGA, M., Carta ao padre Laynes, São Vicente, 05/08/1552, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol II, p. 357.

que o voto sagrado de pobreza fosse afetado e a eficácia do trabalho doutrinário com as crianças indígenas recolhidas nas casas de meninos, foram os dois temas que propiciaram discussão entre os padres e que aparecem documentadas nas Cartas. A discussão era importante porque, além de estar em jogo o futuro das casas de meninos, definia-se o modelo de missão jesuítica marcado pelo desejo de fazer um trabalho duradouro, ou como preferia Nóbrega, casas, "que fiquem para enquanto o mundo durar"<sup>20</sup>.

Fazer um trabalho duradouro, para a ordem que encarnou a Contra-Reforma, pressupunha garantir, às instituições instaladas, recursos financeiros que fossem além das esmolas. A prática recente dos colégios dos jesuítas na Europa, admitia que se recebessem doações e bens para o sustento dessas instituições. Mas no caso do Brasil, alguns padres entendiam que as coisas deveriam ser diferentes, pelo menos enquanto não chegassem as

Constituições definitivas da Companhia e não se fizessem a sua inteligência<sup>21</sup>.

Dois posições podem pois ser identificados no interior do pequeno grupo dos jesuítas; de um lado o padre Nóbrega - por um tempo superior no Brasil - que defendia as casas de meninos como a coluna mestra do empreendimento jesuítico, "porque mais importa a N. S. Jesus Cristo, fazer-se aca uma casa de paja adonde se enseñe la doctrina cristiana a los moços que no Portugal suptuosos collegios"<sup>22</sup>, o que necessariamente requeria suporte econômico. De outro lado, o padre Grã, - que alternava com padre Nóbrega o cargo de superior no Brasil - que combatia as casas dos meninos pela ausência de frutos duradouros na evangelização dos índios que "despues que crescen vuelven a la misva vida de sus padres". Bastava, assim, "enseñarlos en sus propias poblaciones" além do que para manter as casas "se hace injuria a la sancta pobreza, porque se requiere

buscar esclavos y tener hazienda la qual aunque se gaste con ellos el nombre que tiene es ser nuestra"<sup>23</sup>. Também o padre Grã acreditava num modelo de evangelização que partisse do exemplo da pobreza para o qual os padres não deveriam de ter nada e só viver de esmolas.

Para Nóbrega a questão econômica das casas se resolveria pois a partir da combinação de diferentes meios de se conseguir mantimentos, desde a procura deles pelas próprias crianças (caça e pesca) até a posse de bens, cujas rendas seriam destinadas às casas, incluindo o exercício de atividades por parte dos irmãos jesuítas como a produção de anzóis e facas para serem trocados com os índios por alimentos<sup>24</sup>.

As discrepância entre Nóbrega e Grã e os acordos a que chegaram, os quais ocorreram paralelamente às deliberações dos padres fundadores no marco das Constituições, conduziram os missionários sob a liderança de Nóbrega, a não dispensarem sustentação econômica segura; que permitisse a existência de instituições como as casas de meninos e os colégios, mesmo que isto

significasse a administração de bens ou a participação dos religiosos na direção de atividades produtivas. Isto significou no âmbito missionário um triunfo do pragmatismo jesuítico exprimido no célebre "tanto quanto inaciano", sobre o espírito fran-ciscano que fazia da pobreza o meio para exercer seu apostolado. Motivados pela eficiência, que exigia avaliações quantitativas, os jesuítas renunciaram as pobreza enganosa, correram riscos de escândalos, angariaram inimizados e invejas locais e passaram a possuir bens, casas, terras, escravos, engenhos, tudo em nome da preservação, continuidade e multiplicação de sua ação missionária.

#### A CONQUISTA DOS ANJOS

Além de recursos materiais, as casas de meninos precisavam de meninos. Dependiam de possibilidade de encontrar pais dispostos para entregar seus filhos de "buena voluntad" como dizia Nóbrega<sup>25</sup>, as pessoas estranhas de suas comunidades e de meninos que aceitassem ser separados de seus pais e da vida comum e submetidos a um

20. NÓBREGA, M., Carta ao padre Simão Rodrigues. Bahia, 05 / 0 8 / 1552 , in LEITE , S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. I, p. 402.

21. As Constituições da Companhia de Jesus começaram a ser preparadas definitivamente a partir de 1547, quando surge um primeiro rascunho, discutido em 1550, alterado em 1551 sendo aprovado o texto em 1556, ver I. Iparaguire, introdução às constituições In: Obras completas de Sn Ignácio de Loyola, Madrid, B.A.C., 1963, p. 398-401. Para o Pe. Leite as constituições chegaram ao Brasil no mesmo ano de 1556, ver Cartas Vol. I, op. cit., p. 358, nota 10.

22. NÓBREGA, M., Carta ao padre Gonçalves de Câmara, São Vicente, 15 / 06 / 1553, in LEITE, S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. I, p. 500.

23. NÓBREGA, M., Carta ao padre Laynes, São Vicente, 30 / 07 / 1561, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil , op. cit., Vol. III, p. 360-361.

24. NÓBREGA, M., Carta ao padre Gonçalves de Câmara, São Vicente, 15 / 06 / 1553, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. I, p.502.

25. Idem , p. 496.

cotidiano desconhecidos, pautado pela aprendizagem da doutrina, de uma disciplina imposta e administrada por adultos. Não foi fácil conseguir meninos para as casas. O padre Blazquez assinalava em 1554 que poucos pais se dispunha a entregar os filhos<sup>26</sup>. Por sua parte Grãa, numa Carta escrita a 27 de dezembro de 1554 na Bahia, diz que as crianças eram muito “duras de sacar da mãos de seus pais” além do que, as mulheres escondiam seus filhos com medo de que fossem retirados pelos padres e terminassem perecendo<sup>27</sup>. Recorriam pois os jesuítas de diferentes meios que iam dos elogios até às capturas. O padre Grãa contava que os atraía “con alagos promessas”, sem que seus familiares soubessem.

Convictos do que a fé cristã lhes conferia superioridade sobre os indígenas, aos padres parecia lógica, quando não uma benção divina, a captação de crianças ainda que contra a vontade dos pais. Ancorados em sua convicção religiosa e provindos de um mundo onde a criança era vista de outra forma, os padres qualificavam como exagerada a afeição que os naturais nutriam pelos seus filhos e interpretava o instinto das mães

de esconder as crianças, como produto de suas crenças erradas. Pouco espaço restava à preocupação sobre o que poderiam sentir pais e filhos, uma vez que acreditavam estar fazendo o melhor às crianças ao separá-las dos “gentios” onde seriam iniciadas em práticas abomináveis. Sendo este seu pensamento só a eles surpreendia o fato de que as crianças quisessem fugir e de que suas mães as escondessem.

O objetivo inicial das casas era separar os meninos dos gentios e doutriná-los na esperança de que, sob o cuidado espiritual dos padres, eles abandonassem seus costumes e se convertessem em propagandistas da fé entre parentes e comunidade.

Mas a disciplina a que eram submetidas as crianças depois de separadas de suas famílias indígenas demonstrava que se pretendia algo mais delas. O padre F. Pirez, escrevendo da Bahia em 1552, informa sobre a disciplina empregada: “Em casa se tem muito exercício de tudo, assim das pregações, como de cantigas, pellas lengoa e em português e aprendem muito bem o necessário. Tem sua oração mental e verbal, tudo repartido a

seu tempo convenientemente e praticas de Nosso senhor que cada dia, todos juntos a noite, o P. Nóbrega e os Padres lhes fazem”<sup>28</sup>.

Nóbrega, em 1553, escreve sobre a Casa de meninos de São Vicente: “tiene los niños sus ejercicios bien ordenados, aprendem a leer y escrever y vam muy avante, otros a cantar a tañer flautas y otros mamelucos mas dientros aprendem grammatica y enseña a un mancebo grammatico de Coimbra que aca vino desterrado”<sup>29</sup>.

Posteriormente, ao descrever o colégio da Bahia, mostrava como os meninos que ali viviam levavam uma vida, não muito diferente da dos irmãos da Companhia, comendo no mesmo refeitório, escutando a lição lida nas refeições, fazendo seus exercícios religiosos, dormindo separados dos jesuítas, mas na mesma clausura. Nessa disciplina estavam também incluídas as instruções a costumes como o de vestir-se e a utilização de castigos corporais. Mantinham contudo hábitos como o de dormir em redes ou às atividades de pescaria ou caça<sup>30</sup>.

A respeito de castigo físico, sabemos por Anchieta, de sua prática nas escolas de Piratininga: “o ensino dos meninos aumenta dia a dia e é que mais nos consola; o quais vem com gosto à Escola, sofrem os açoites e tem emulação entre si”<sup>31</sup>.

O padre Grãa, por sua parte, apontava que pelo fato dos meninos não estarem acostumados a serem castigados pelo seus pais era muito difícil castigá-los.

As crianças indígenas foram pois submetidas à disciplina, organização do tempo similares à vivida por outras crianças e adolescentes nos orfanatos, colégios e noviciados da Europa. Contudo, acredito que essas casas de meninos não se definiam exclusivamente pela finalidade assistencial, educativa ou de controle, mas que misturavam objetivos visando conseguir a transformação dos meninos tomados dentre os gentios, em “meninos pregadores” que, sem deixar de serem índios, passavam a ser cristãos, a se comportar como tais e a trabalhar nas missões como assistentes e multiplicadores das

26. BLAZQUEZ, A., Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Porto Seguro, 08 / 05 / 1554, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. II, p. 56.

27. GRÃO Pe., ao padre Moron, Bahia, 27 / 12 / 1554, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 147.

28. PIRES, F., Aos padres e irmãos de Coimbra, Bahia, 01 / 12 / 1552, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. I, p. 396.

29. NÓBREGA, M., Carta ao padre Gonçalves de Câmara, São Vicente, 15/05/1553, in LEITE, S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol I, p. 498.

30. NÓBREGA, M., Carta ao padre Laynes, São Vicente, 12/06/1561, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 362.

31. ANCHIETA, J., Carta ao padre Inácio de Loyola, São Vicente, 03/1555, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol II, p. 194.

ações dos padres. Ainda que sob condições precárias, as casas estavam estruturadas para conseguir a transformação das crianças, fazendo delas meninos pregadores ou “hermanitos de la tierra” ou “chiquitos”, como são chamados pelo irmão Vicente Rodrigues numa Carta de 1552<sup>32</sup>. Elas exercitavam ordinariamente as orações mental e verbal que as deveria deixar mais perto de Jesus Cristo. Eram-lhes ensinados a doutrina cristã, que deveria dar consistência à sua fé, e os cânticos e músicas por meio das quais a fé era expressada. Aprendiam a falar, ler e escrever a língua portuguesa, que além de torná-los bilíngües e aptos para garantir a comunicação entre o evangelizador e o evangelizado, deveria integrá-los definitivamente no universo do colonizador. As crianças eram também submetidas a uma disciplina onde tudo era “repartido a seu tempo convenientemente” passando por um reordenamento de suas vidas e costumes, onde os meios coercitivos não eram dispensados.

Era interesse dos autores das Cartas deixar patente as transformações que se operavam nas crianças que entravam e viviam nessas casas de meninos. Na narrativa jesuítica as imagens dos meninos pregadores indígenas reeditavam as

dos órfãos de Lisboa. Estes como aqueles acompanhavam os padres nas visitas às aldeias; encabeçavam as procissões entoando cânticos e levando a cruz; pregavam aos adultos; brincavam com as crianças.

Os “hermanitos de la tierra” são apresentados como o grande fruto da ação evangelizadora e o instrumento para alcançar o “gentio” e assegurar a permanência da colonização. Os padres haviam-nos retirado de suas comunidades; doutrinados; ensinados orações, cânticos, português; batizado e adaptado a costumes cristãos como o de vestir-se. As barreiras da língua, da indiferença, da desconfiança tinham sido transpassadas e acreditava-se que se havia ganho a primeira batalha. Contudo, nos relatos dos padres é a misericórdia de Deus e a bondade divina que se atribuem essas transformações, como mesmo acontecera com os órfãos portugueses. Crianças nascidas na rudeza e na abominação tornavam-se em seres semelhantes e anjos. Assim o padre Blazquez narra exultante, da Bahia em 1557, o batismo de crianças catecúmenas que o padre João Gonçalves havia trazido para a casa: “vinhão os meninos com suas roupetinhas brancas e humas capellas de flôres em a cabeça e palmas em as mãos em

32. RODRIGUES, v., Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Bahia, 17/09/1552, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol I p. 411.

sinal de vitória que alcançavam do demônio... Estão do pois tudo a pronto para os bautizar, começarão os Padres e meninos a ladainha cantando, não com pequena devoção e lágrimas dos presentes, por ver como a piedosa clemência do Senhor, se dignava escolher a estes pôr filhos, nascidos de gente tão bruta e boçal”<sup>33</sup>.

A solenidade do batizado, presenciada nessa ocasião pelo governador, marcava a ruptura com um mundo de idolatria e práticas “abomináveis” ao qual não mais pertenciam aquelas crianças que, vestidas de branco, desfilavam em ordem cantando em latim. As crianças com suas pequenas batinas, com flôres e ramos nas mãos, consagravam mais uma vitória do método missionário jesuítico e de “clemência do Senhor” contra o demônio, presente nas ações do gentio “bruto e boçal” do qual elas foram tiradas. Assim, as crianças catecúmenas - expressão nítida da aculturação que avança junto com a evangelização - adquirem nas Cartas dos jesuítas a dimensão de

anjos<sup>34</sup>. Nóbrega chegou a dizer que quando viu, no caminho do Espírito Santo à Bahia, as crianças com suas cruces, lhes pareceram os anjos do Apocalipse<sup>35</sup>.

Outro irmão escrevendo da Bahia, narra que a cena de crianças rezando o terço lhe “pareciam unos Angeles que rezavam maytines”<sup>36</sup>. Separadas do demônio e transformadas em anjos as crianças catecúmenas e os meninos pregadores tornavam-se opositores do mundo ao qual antes pertenciam, mostrando, como prova de fidelidade à nova condição de cristãos, rejeição a seus familiares e censura às práticas de seus pais. Contavam pois os padres nas cartas, as histórias exemplares de crianças indígenas e de mamelucos que, ante circunstâncias concretas, claramente optaram pelos princípios cristãos e pelos padres da Companhia, rompendo afetivamente com suas comunidades e famílias. O padre Francisco Pires, na sua mencionada Carta de 1552 aos padres e irmãos de

33. BLAZQUEZ, A., Carta quadrimestral, Bahia, 01/01/1557, in LEITE S., Cartas dos Jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 349.

34. A associação entre crianças e anjos foi interpretada por Ph Aires como uma das manifestações do que ele chamou de descoberta da infância, que teria começado no Ocidente a partir do século XIII; a respeito ver seu livro, História Social da criança e da família, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 56-68.

35. NÓBREGA, M., Carta ao padre Laynes, Bahia, 10/09/1559, in LEITE S., Carta dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol III, p. 143.

36. Idem.

Coimbra, contou a história do mameluco Miguel, de doze anos, filho de um português, criado como "gentio", que depois de uma temporada com os jesuítas tendo de decidir-se por seus familiares ou pelos sacerdotes: "me respondio que no queria ver sus parientes, que el queria morer donde yo muriese"<sup>37</sup>. Não menos exemplar a história que o padre Domenech em Lisboa conheceu pelas Cartas do Brasil e que relata, a S. Inácio em 1552, um menino que fugiu de sua mãe: "vino para la casa de los niños, y despues de instruído en la fé, se fué a predicar a su madre la fe de Christo, y hallo que tenia una cabeza y pedaços de carne humana colgado despues por obediencia tornó y reprendiolo de sus malas costumbres"<sup>38</sup>.

O contato com os jesuítas e com a instrução cristã é entendida como ponte de origem da conversão que se manifesta pela ruptura com seus meios, mas que, como na história das grandes conversões (São Paulo, Santo Inácio) desdobra-se em ação para a transformação do mundo, sem importar-se com o sofrimento ou o martírio. Cria-se assim um aura sacramental para o processo de aculturação que ob-

viamente é interpretada em termos de morte ao pecado representado pelo universo indígena e nascimento em graça divina representado pela aceitação do mundo colonizador.

Dissociadas de seu universo de origem essas crianças exemplares convertiam-se em mais um elemento de desqualificação do mundo indígena, exercendo pressões e censuras sobre suas famílias para que acabassem com suas práticas, chegando até a delação ou aparecimento de dor física por causa da fé.

A comunidade indígena tornava-se vulnerável às ingerências externas e fraquejava na unanimidade de seus valores. Era questão de tempo até que os missionários conseguissem instalar um patrulhamento constante das comunidades indígenas, debilitando-as ainda mais e tornando possível sua total encampação pela sociedade colonial. "Destribalização" como o chama Florestan Fernandes, que no projeto de jesuítas como Grãa e Nóbrega realizava-se através da formação de famílias cristãs pelo casamento de moços doutrinados pelos missionários com moças de futuras casas de meninas indígenas regidas por mulheres brancas.

#### NÃO É SUFICIENTE SER ANJO PARA SER JESUÍTA

O progresso dos meninos pregadores - formados numa estrutura de preparação de quadros -, o exemplo dos órfãos de Lisboa dos quais cinco entraram na Companhia<sup>39</sup>, e a necessidade de mais missionários adaptados às condições da terra e conhecedores da língua, apontavam, nos primeiros anos dos jesuítas no Brasil, para o natural ingresso de pessoas da terra - mestiços (mamelucos) ou indígenas - na Companhia de Jesus.

Diante das dificuldades de trazer jesuítas da Europa; o problema do lento aprendizado das línguas indígenas por parte dos missionários, e frente à facilidade de inserção que os cristãos indígenas tinham nas suas comunidades, era lógico que os padres pensassem em incorporar à companhia, jovens indígenas que já tivessem prestado valiosos serviços e que apresentassem aptidão para a vida religio-

sa. Dessa forma, a ação jesuíta seguia o curso normal do trabalho feito na Europa do qual sempre se esperava que rendesse boas e abundantes vocações. Porém Anchieta, em 1554, advertia que mestiços e indígenas cristãos não eram gentes úteis para a conversão dos "gentios" pois tentados pela carne e o espírito de fornicação facilmente fugiam como já tinha acontecido<sup>40</sup>. Dois anos depois o padre Grãa emitiu opinião parecida com respeito aos mamelucos afirmando que os mestiços no Brasil não tinham "talento para a companhia" como já tinha acontecido em várias ocasiões<sup>41</sup>.

A incorporação de mestiços e indígenas à Companhia, vista como algo natural, confronta-se agora com a imagem negativa que deles começa a ser construído pelos próprios jesuítas. Os candidatos da "terra" não tinham condições ou "talento" para servir a Companhia, além de não resistirem às tentações de seu meio, propício à luxúria e à

39. Em catálogo da Província do Brasil em 1568, publicado pelo padre Leite, aparecem cinco sacerdotes dos que se diz que foram "de los niños huerfanos de Portugal". O Pe. Symeon Gonçalves 28. Pe. Antônio Pina, 26; Joem Pereira, 26; Luis Valente, 30; Manuel Veiga, 28: os cinco conhecem a língua tupi-guarani e cursaram estudos de latim. Levam entre 8 e 13 anos na Companhia e entraram a ela entre os 16 e os 18 anos. Serafim Leite, Monumento Brasiliae IV, 1563-1568, op. cit., p. 476-482.

40. ANCHIETA, J., Carta ao padre Ignácio de Loyola, Piratininga, 07 / 1554, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol II, p. 77.

41. GRÃA, Pe., Carta ao padre Ignácio de Loyola, Piratininga, 08 / 06 / 1556, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. II, p. 288.

37. PIRES, F., Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Bahia, 07/08/1552, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. I, p. 400.

38. DOMENECH, pe., Carta ao padre Inácio de Loyola, Lisboa, 10/1552, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol I, p. 416.

fornicação. Os anjos perdem as asas e voltam a ser vistos apenas como índios, cujas únicas habilitações relevantes à Companhia eram o conhecimento da língua e o livre trânsito entre as comunidades indígenas. A desqualificação funciona como alarme que protege do perigo de uma Companhia miscigenada, com seu perfil colonizador desfigurado. Contudo algum tempo de vacilações decorrerá antes que o ingresso dos candidatos "da terra" seja barrado de forma discreta ou indireta.

Entretanto, mais uma vez pressionados pela falta de missionários conhecedores da língua, os padres voltam a admitir a entrada de mestiços<sup>42</sup>, mas adotam estratégias de encaminhamento correto na ordem. Sendo a "terra brasileira" e os desqualificados costumes de

seus habitantes os principais obstáculos para o progresso das vocações, os candidatos à Companhia deveriam ser tirados desse meio de devassidão e enviados à Europa, onde, nas palavras do Pe. Anchieta, havia menos perigos que no Brasil, onde as mulheres andavam nuas e não se sabiam negar a ninguém<sup>43</sup>.

Esta opinião foi partilhada também pelos padres Grãa e Nóbrega, achando este último que os originários da terra seriam muito úteis na evangelização por causa da língua e por ser naturais da terra. Contudo, acreditava que a vocação de mestiços e índios só vingaria longe das dificuldades para guardar a castidade que existiam no Brasil: "porque aqui, por lá mucha occasion que tienen, tengo por muy dificultosos quaiarse ninguno"<sup>44</sup>. In-

teressava a Nóbrega que a Companhia se introduzisse no meio indígena, falasse sua língua, se valesse dos gostos indígenas pela música, o canto ou representação, mas se mantivesse impermeável a qualquer influência do meio indígena, de suas crenças e costumes. Nóbrega visando a formação de quadros indígenas ou mestiços totalmente adaptados ao universo jesuítico, acreditava que o envio de jovens da terra habilitados para a Europa oferecia também a oportunidade de tê-los de volta na categoria de "homens de confiança" o que aliás era vital para o projeto evangelizador jesuítico.

Porém, tanto Anchieta como Grãa apontavam um limite para entrada dos mestiços na Companhia, eles deveriam ser destinados a serem irmãos ou "coadjuvantes temporais" - no jargão jesuítico - e não sacerdotes. De uma só vez desqualifica-se os futuros religiosos da terra e vedava-se-lhes a possibilidade de constituírem no futuro um clero jesuíta indígena que pudesse ocupar posições de direção e com poder de representação suficiente para decidir sobre o futuro da evangelização.

Passados alguns anos o tempo das indecisões terminou e as propostas para franquear a entrada à Companhia de pessoas da terra - mesmo que fossem só na categoria de irmão - foram praticamente barradas por Roma em Carta de

1566 do Padre Geral Borja, que aponta as diferenças de costumes e recomenda muitas e demoradas "provações" caso aceita-se de forma excepcional alguém.

A imagem desqualificadora do índio e do mestiço, construída pelos próprios missionários, na qual eles apareciam como pouco disciplinados dados à luxúria e a devassidão, será utilizada pelo padre Borja para barrar claramente a incorporação de índios e mestiços na Companhia de Jesus. Para conseguir habilitar-se como futuro jesuíta, o candidato da terra, deveria ser bem conhecido pelos padres da Companhia e submetido a provas antes e depois de ser recebido no noviciado. A desqualificação das pessoas da terra, que levava à desconfiança nelas para serem agentes de evangelização, barrava pois os últimos degraus do processo evangelizador integrador de Nóbrega e de outros missionários, que partindo do ensino do português e da gramática latina aos indígenas e mestiços chegava até o encaminhamento ao noviciado, os estudos na Europa e o retorno ao Brasil para então participarem na condução de evangelização.

### Conclusão

Percorridas as Cartas dos jesuítas do Brasil, publicadas pelo padre Leite é inegável que houve uma preocupação dos missionários, des-

42. Há informações sobre a entrada naquela época de dois mamelucos à companhia, o primeiro deles Cipriano que ingressou ainda menino com 12 ou 13 anos e fez os primeiros votos 3 anos depois diante do Pe. Nóbrega, quem segundo o Pe. Leite "o mandou para Coimbra a fim de se formar em virtude e letras:" trabalhou em ofícios humildes e morreu em 1563 sendo ajudante do procurador das Missões Ultramarinas. ao respeito ver o interessante exame que apresentou ante o Pe. Nadal em Agosto-Setembro de 1561 e que se encontra nas cartas, Vol. III, op. cit., p. 390-394. Nesse mesmo volume das cartas ver a pequena biografia que dele faz o Pe. Leite, op. cit., p. 83-84 d introdução. O outro mameluco Bartholomeu figura no Catálogo da Província do Brasil de 1568 como sendo de 19 anos e encontrando-se terminando seu noviciado na Bahia, Serafim LEITE, Monumento Brasiliae IV 1563-1568, op. cit., p. 478.

43. ANCHIETA, J., Carta ao padre Ignácio de Loyola, Piratininga, 20 / 07 / 1554, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., vol. II, p. 77.

44. NÓBREGA, M., Carta ao padre Laynes, São Vicente, 30/07/1561, in LEITE S., Cartas dos jesuítas do Brasil, op. cit., Vol. I, p. 366.

de sua chegada, em doutrinar e evangelizar as crianças. Esse interesse não era logo peculiar aos jesuítas que aqui chegaram, mas uma marca registrada de seu trabalho, fruto da militância na defesa da Igreja contra o protestantismo e da mística inaciana.

No caso do Brasil, além dos traços jesuíticos os missionários achavam que as crianças - portuguesas ou nativas - eram um bom instrumento para conseguir o avanço da evangelização e da colonização do território. Através da doutrinação das tribos, era mais fácil conseguir a desmobilização dessas e o estabelecimento, em determinadas regiões, de núcleos missionários.

O trabalho com as crianças permitiu que os jesuítas através de intérpretes portugueses (os órfãos de Lisboa) ou indígenas (os meninos da terra) pregassem o evangelho aos índios, transformando-os em intérpretes, catequistas e missionários. O pragmatismo que definiu a ação jesuítica da época fez com que os padres prescindissem das crianças européias e centrassem atenção nas nativas, para as quais se estabeleceram instituições como as casas de meninos e as escolas que ensinavam a ler e escrever. Nas casas de meninos, as crianças separadas de seus pais e comunidades eram submetidas a um regime doutrinário e disciplinar que as deveriam converter em "hermaninhos ou

chiquitos", colaboradores dos padres na ação missionária, ou mesmo em candidatos ao ingresso na Companhia.

A preocupação com crianças não fez parte de um propósito assistencial de criação de orfanatos ou atendimento de meninos ou desagregados. Ela foi produto da avaliação jesuítica das condições de evangelização, que exigia, para ser efetiva, a multiplicação do trabalho dos padres e a solução por meio de intérpretes do problema de comunicação com os índios. Contudo, ao fundamentar a ação missionária no trabalho de formação de quadros, os primeiros jesuítas multiplicaram o potencial aculturador de suas ações doutrinárias e catequéticas, ficando em condições de desenvolver um projeto de evangelização que serviria de base para o avanço da colonização e da ocupação do território.

O crescimento da evangelização e partindo da incorporação dos meninos indígenas como agentes da ação missionária ou mesmo como irmãos jesuítas não significa que a Companhia e seu trabalho se impregnasse da valorização do mundo indígena e o índio como indivíduo.

O projeto de construção de uma Igreja brasileira, precedido por bispos e cleros indígena ou mestiço, independente das necessidades e exigências da colonização portuguesa, nunca existiu. Antes, pelo contrário, a desvalorização do

universo indígena e a desqualificação do indígena e mestiço como indivíduo atuarão como corretivos para manter os missionários dentro dos trilhos do empreendimento colonial.

Também as Cartas de superiores ou padres, descrevendo o trabalho evangelizador, expondo decisões ou consultando outros jesuítas ou superiores em Portugal ou Roma, revelam o perfil daquela missão que impulsionada pela busca da vontade de Deus, oriente meninos mais aplicados converterem-se em missionários e a entrarem na Companhia de Jesus. Estas Cartas, mesmo levando-se em conta seu caráter edificante, permitem, portanto, afirmar que os jesuítas priorizaram o trabalho com as crianças, que desenvolveram em função delas uma série de atividades educativas e que acreditavam nas fundamentais à viabilização da evangelização em terras brasileiras.

A visão que temos, hoje, do mundo infantil dificulta-nos compreender a ação de garotos de nove a onze anos que, atravessando o Atlântico, esperavam converter, com procissões e cânticos, tribos guerreiras, que não tinham sido vencidas por soldados. Surpreende-nos também que religiosos experientes e doutos confiassem na capacidade persuasiva de crianças indígenas que mal repetiam umas poucas verdades teológicas num

português rudimentar e que eram enviadas a pregar o evangelho aos seus.

Nas Cartas dos três primeiros anos, a presença dos órfãos aparece como algo natural, digno de ser louvado e a conversão dos meninos dava todos os seus esforços para conseguir a evangelização dos índios. Assim o perfil da missão foi delineando-se, entre outros aspectos, pela importância dada à educação e à formação de quadros de catequistas, intérpretes, estudantes, jesuítas; pelo intento dos padres de se adaptarem aos usos e costumes da terra, sempre que não contrariassem a verdadeira religião; pela atuação por meio de instituições com funções e hierarquias definidas, estabelecidas sobre bases econômicas (casas de meninos, escolas, colégios); e pela procura do bem universal fácil de ser perseguido e quantificado (escolas, casas de meninos, conversões, batizados, casamento, estudantes, novos jesuítas).

Esse perfil pode ser chamado de tipicamente jesuíta na medida em que seus traços principais são os mesmos da missão da Companhia na Índia, na China, no México, na Grécia, na Sicília e mesmo na Alemanha. Em todo estes lugares os jesuítas atuaram movidos pelas mesmas obsessões decorrentes do lema inaciano de que o bem enquanto mais universal mais divi-

no, respondendo às mais variadas situações, com uma grande capacidade de adaptação e utilizando os mesmos meios: domínio da língua; ensino e difusão da doutrina; formação de interprete, catequistas e colaboradores e evangelização de pessoas que multiplicassem e espalhassem a fé cristã.

A ação de Nóbrega e companheiros, tem que ser lida também como mais uma expressão de uma grande onda de superação do que Robert Richard chamou "a evangelização primitiva" - carrega-

da de características medievais - e o aparecimento de uma evangelização a serviço da Contra-Reforma, marcada pela eficiência e inovação, auspiciadas pelas monarquias católicas Ibéricas, vinculadas estreitamente à expansão colonial e executada por uma ordem nova dominada pelo espírito de ação.

Fernando Torres Londoño é Doutor em História pela USP e Coord. do Curso de Pós-Graduação em História da Igreja na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção End.: Av. Cons. Rodrigues Alves, 948, Ap. 71 - 04014-002 São Paulo - SP

## BLOCO IV

NOTA, RECENSÃO E DISSERTAÇÕES

### ANÁLISE POÉTICO-LITERÁRIA DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Jeni Bertoni Nimtz

#### 1. INTRODUÇÃO

Qualquer obra escrita, seja ela descritiva ou narrativa, apresenta indícios que servem como fundamento a uma análise literária textual completa. Para se fazer tal trabalho é necessário como primeiro ponto de partida, observar a natureza da obra (prosa/verso) e, em seguida, atribuir-lhe os aspectos específicos. Assim sendo, ao ter em mãos determinada composição, cujas unidades literárias se afastam suavemente da rigidez da pontuação e da seriedade das normas gramaticais, tenho por mim que essa é uma obra fundamentada no estilo redacional poético, cujas características estão agrupadas em três grandes e importantes itens: *Natureza*, *Forma*, *Conteúdo*.

**Natureza** - corresponde à aparência do estilo redacional utilizado para a composição. Pode ser prosaico ou poético.

**Forma** - Refere-se à compreensão do texto em sua estrutura. Num poema, compreende a divisão em cantos que, por sua vez, estão divididos em estâncias; a nomenclatura apropriada de acordo com a classificação dessas estâncias, sua quantidade, os segmentos unitários que as compõem (versos), sua classificação de acordo com o número de sílabas métricas e a relação quantitativa de cada unidade literária em relação a uma ou outra estância. A presença de sílabas átonas e tônicas no primeiro verso devem ser vistas de maneira detalhista e precisa, uma vez que sua combinação harmoniosa com os demais versos confere ao poema a musicalidade inerente ao ritmo, condição essencial para a recitação e o canto.